

Tendo em vista a importância do prof. Ricardo Antunes para os estudos marxistas da sociologia do trabalho e o reconhecimento da sua vasta obra no Brasil e no exterior, a *Motrivivência* tem a honra de apresentar, nessa sessão “Ponto de Vista”, uma entrevista antológica sobre o tema da presente edição, “Educação Física e o Mundo do Trabalho”. A entrevista concedida ao editor Mauricio Roberto da Silva versa sobre as questões atuais do Mundo do Trabalho no Brasil e no exterior, além da abordagem específica sobre o Mundo do Trabalho no âmbito da Educação Física, Esportes e Lazer.

O professor Ricardo Luiz Coltro Antunes doutorou-se em Sociologia (USP, 1986) e fez mestrado em Ciência Política (IFCH-UNICAMP, 1980). Atualmente, é Professor Titular de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP e Pesquisador 1B do CNPq, já tendo sido *Visiting Research Fellow* na Universidade de SUSSEX, Inglaterra. Publicou, entre outros livros, o célebre “Adeus ao Trabalho?”, que se encontra na sua 13ª edição pela editora Cortez, publicado também na Itália, Espanha, Argentina, Colômbia e Venezuela.

A ONTOLOGIA SINGULARMENTE HUMANA DO TRABALHO

(Entrevista de Ricardo Antunes, em fevereiro/2011)

Motrivivência: Ricardo, quais as dimensões ontológicas e epistemológicas que norteiam as relações entre trabalho, educação e formação humana?

Ricardo Antunes: *Trabalho, educação e formação humana são dimensões do ser social muito, muito aproximadas. E tratá-las no plano ontológico e no plano epistemológi-*

co nos obriga a fazer uma primeira indicação, ainda que muito sintética. Quando falamos no plano ontológico, naturalmente a nossa referência aqui é marxiana e também lukacsiana. Esta é uma dimensão que remete à concretude do ser. Então, o trabalho na ontologia do ser social, ou numa dimensão ontológica, que é aquela dimensão estruturante que o trabalho tem na conformação do ser social, seja em sua gênese, no salto do ser pré-humano para o ser humano, seja na processualidade do mundo, na história concreta, seja no vir-a-ser, na medida em que o trabalho tem um papel por certo também transformador.

Motrivivência: Por isso você diz a centralidade do ser social.

Ricardo Antunes: Exatamente, o trabalho é central na vida do ser social por múltiplas razões. Primeiro, o homem se constituiu como ser humano social porque, diferentemente do animal, ele pergunta. Eu tenho que suprir a minha fome. E como eu vou suprir essa minha fome? Caçando, pescando, coletando? O animal não pergunta. O animal supre a sua fome, claro, instintiva e biologicamente, por sua natureza biológica. O ser social não. O homem pergunta, o ser social, homem ou mulher, ele pergunta. Como é que posso fazer determinada coisa? Por isso é que o Marx tem aquela passagem seminal n' *O Capital*, que

é absolutamente vital, qual seja: "o que diferencia o arquiteto da abelha, é que o arquiteto já tem pré-ideado na sua consciência o prédio que ele quer construir, o produto que ele quer imprimir, em uma forma concreta e material". A abelha não. A colméia é a mesma há milênios, já os prédios são diferentes. É verdade, que os prédios pós-modernos caem, muitas vezes são mal produzidos, arquitetados e projetados. A colméia em geral só cai quando ela é atacada. Mas, é evidente que nós estamos tratando aqui da dimensão fundante do ser social. Então, primeiro, não há trabalho para o ser humano sem o ato consciente de perguntar: produzir o quê e para quem? Segundo, o trabalho não é um ato individual, mas sim um ato coletivo. De tal modo que é no trabalho que o ser encontra os seus laços de sociabilidade mais profundos. E este trabalho, se é um trabalho dotado de uma dimensão humana ou social, como dizia Marx, ele é um trabalho criativo e emancipador.

Motrivivência: Quando está em jogo a categoria trabalho, pode se dizer que formação humana e formação profissional são a mesma coisa?

Ricardo Antunes: Não no sentido humano-social. Tomemos como exemplo o trabalho de um artista que cria sem imperativos e constrangimentos de tipo nenhum. Vamos pensar abstratamente, claro.

Desejo fazer uma obra de arte, como faziam os grandes literatos, como o fizeram Goethe, Da Vinci, Michelangelo, Rodin. Claro que eles tinham seus constrangimentos, mas era antes de mais nada uma criação artística ou que teria sentido. É o trabalho que se confunde com o ato catártico da criação. Mas, o trabalho frequentemente nas sociedades humanas é sofrimento, servidão, estranhamento, coisificação, reificação, alienação. São múltiplas e muito assemelhadas as formas, digamos assim, que alienam o ser social, o brutalizam ou o animalizam. Por isso que Marx disse em 1844: “Se o trabalhador pudesse fugiria do trabalho como se fuge de uma peste”. É um trabalhador – porque Marx sabe que o trabalhador da sociedade Inglesa dos anos 1840 – trabalharia, se lhe deixassem, 17, 18, 19 horas por dia, isso há um século, no início da revolução industrial; e foi necessária muita luta para que só no início do século 19 a jornada de trabalho pudesse ser regulamentada, os sindicatos fossem criados. Então, para fechar esta questão. Um: o trabalho é central também porque ele é um ato de sociabilidade decisivo. E dois: o trabalho é central no capitalismo. Isso somente para dar umas notas, porque eu tentei tratar disso o mais longamente n’Os sentidos do trabalho e em outros livros que são mais ou menos conhecidos.

Como se sabe, no capitalismo o trabalho é central porque cria valor, é o trabalho que cria riqueza, e como o trabalhador ou a trabalhadora criam a riqueza? E quem se apropria dessa riqueza, não são produtores (trabalhadores), mas sim a classe que detém os bens materiais e espirituais da dominação e do controle material. É a classe dos proprietários, a burguesia; e é evidente que esse é um trabalho reificado, alienado. Neste sentido, Marx faz a síntese mais sublime do pensamento grego, das tragédias gregas, do mito de Prometeu, passando por São Tomás de Aquino, chegando a Hegel e à dialética do senhor e do escravo. Depois de Marx com Weber em sua Ética protestante e o espírito do capitalismo. Como já mencionei, Marx fez a síntese mais extraordinária do trabalho. O trabalho é ao mesmo tempo criação e servidão. O trabalho pode ser ao mesmo tempo ato de constituição do ser tornado humano-social, e também um ato de desefetivação. Esta máxima faz com que, então, a centralidade do trabalho gire em torno de algo muito complexo, pois, ela contempla dimensões de positividade e de negatividade. Isto também cria problemas porque muitas pessoas acham – e só pode achar isso quem desconhece elementarmente o Marx – que Marx só fala do trabalho! Pois Marx é o mais habilidoso crítico do trabalho. Ele é o mais habilidoso crítico

do trabalho alienado, reificado, estranhado. O que o Marx projeta é a possibilidade efetiva, no plano ontológico, de um ser livre também no trabalho.

Motrivivência: Você fez um belo trajeto para explicar a questão da ontologia marxista do trabalho. E sobre a relação entre ontologia marxista e a epistemologia, o que você teria a dizer?

Ricardo Antunes: *Veja bem, se no plano ontológico o trabalho é, como na história do ser humano, ele se apresenta na dimensão epistêmica como capacidade reflexiva. Neste sentido, nós temos de apreender o trabalho como ele é e não como nós queremos. Em geral, a relação entre ontologia e epistemologia foi muito mal tratada pelo marxismo. Grande parte do marxismo ainda considera a ontologia uma coisa do mundo da metafísica. É evidente que uma concepção tradicional de ontologia é metafísica. E é evidente que o Lukács foi quem teve o peso decisivo de mostrar, no século XX, que o Marx instaurava uma ontologia materialista. O que é a dimensão epistêmica? Ela só pode se fundar no dado concreto. O Marx diz "o ser é um ser e não um não ser". Então, não é a dimensão epistemológica que funda o ser social. O que funda o ser social é a dimensão ontológica. A dimensão epistemológica é*

decisiva porque é ela que, através das abstrações razoáveis, poderá ou não apreender o ser social. Vou dar um exemplo muito simples. O exemplo é simples, a referência é extremamente complexa. A obra O capital é um exercício epistemológico decisivo de Marx numa perspectiva ontológica para entender a lógica do capital. Não foi o Marx que inventou a lógica do capital, nenhuma tese do Marx é a invenção "de". Se o Marx foi o primeiro a mostrar a teoria da mais valia em toda a sua complexidade, não é porque Marx inventou a teoria da mais-valia, é porque a teoria da mais-valia existia no mundo real. E ele se fundamentou em David Ricardo em Adam Smith. Marx descortina, epistemologicamente, o fundamento básico do capitalismo: uma extração de mais-valia sobre o trabalho. Então veja, o plano epistemológico é imprescindível à compreensão, o mais plena possível do plano ontológico. Nesse sentido, a ontologia é fundante, porque é o ser como ele é. E a epistemologia é decisiva para a compreensão do ser como ele é. Dou um exemplo, agora menos abstrato: desde os anos 70 e 80, na verdade já desde antes, especialmente na Europa, mas também nos Estados Unidos, começou a ser desenvolvida nas ciências sociais, e nas ciências humanas latu sensu, uma tese equívoca do fim do trabalho, da irrelevância do trabalho.

Essas teses epistemológicas, construções epistêmicas, se mostraram equívocas. Em pleno século XXI, na viragem de 2010 para 2011 o trabalho permanece e constitui, juntamente com a questão ambiental, digamos, duas das questões vitais da humanidade.

Motrivivência: Então nesse sentido, só para gente encerrar esse primeiro bloco, de uma maneira mais sintética, então essa relação trabalho, educação e formação humana, se a gente seguir essa dimensão tanto ontológica do trabalho quanto epistemológica, então, são absolutamente imbricadas. Não tem como separar trabalho, educação e formação humana?

Ricardo Antunes: *Claro que não. Trabalho é uma categoria vital da produção. E a produção humana só existe através da reprodução. Então trabalho é produção. Educação e a formação são esferas decisivas da reprodução sem o qual a produção não se dá.*

Motrivivência: Você pode voltar a discorrer, de maneira mais amiúde, sobre a diferença entre formação humana e formação profissional?

Ricardo Antunes: *Veja, o ato laborativo do trabalho humano traz consigo a necessidade de pensar uma educação e uma formação humano-social de caráter vital. Qual*

é o indivíduo que nós queremos educar? Como é que se educa? O processo de formação, de educação se restringe a escola formal ou é um processo que se inicia quando a criança nasce e vai até seus últimos dias de vida, porque educação é um ato de aquisição de consciência. Então veja, não é preciso ir longe. Um trabalho que desumaniza, uma educação que brutaliza para o mercado e uma formação humana que desumaniza formam essa sociedade, digamos assim, com tantos traços de irracionalidade, de estranhamento e de alienação que nós temos. Por que a gente ligou a televisão ontem e viu que nos Estados Unidos um indivíduo matou 19 pessoas ou tentou matar 19 pessoas? É porque ele é louco? Ele é louco. E por que os “loucos” – entre aspas – abundam na sociedade? Porque nós vivemos numa sociedade enlouquecida. O trabalho infelicita, ou porque o trabalho é brutal, ou porque o trabalho é um fetiche, ou porque o trabalho é um mito de enriquecimento que não existe, ou ainda porque o trabalho não existe, existe o desemprego e a barbárie. A formação humana é para o indivíduo pensar só nele. É o ensino do privatismo. A educação então é assim: educar para o mercado! Mas nós já sabemos que o mercado é um Frankstein sem alma. Porque o Dr. Frankstein criou seu

monstro, a sua criatura, e num dado momento a criatura pergunta: “mas você me criou com as pernas de um, a cabeça de outro e de onde vem a minha alma?” Alma no sentido material, o espírito, o espírito humano, aquilo que é a síntese do ser, não o transcendente. “De onde veio a minha alma. Você não pensou que eu poderia querer ser um ser humano como os outros?”

Motrivivência: Há no senso-comum acadêmico da Educação Física e até em outras áreas do conhecimento, a idéia que confunde formação humana com formação profissional. Há também uma crítica, por parte do pensamento neoliberal nas universidades que vai dizer que “toda formação é humana” e, por isso, formação humana ou profissional são a mesma coisa. Seria a formação humana uma compreensão da ontologia marxista e a formação profissional ligada a lógica do mercado?

Ricardo Antunes: *Fica claro para os nossos leitores que eu não sou um especialista em educação, nem em Educação Física, sou um sociólogo do trabalho. Sendo assim, eu vou me aventurar a dizer aqui o que é comum com na importância social, humanista e que eu penso a esse respeito. Essa disjuntiva, formação humana e formação profissional é uma tragédia de uma sociedade fundada numa razão instrumental.*

É um mercado que exige formação profissional para destruir a humanidade. Não é verdade? O que é um gestor de recursos humanos senão um indivíduo que vai extrair o máximo de um trabalhador de uma trabalhadora, para no final do dia dizer: “você não fez metade do que eu esperava. Amanhã seu emprego não tá dado”. Então, veja, a formação humana não poderia ser vista em separado de uma formação profissional no sentido amplo do termo. Eu vou dar duas pistas. O Marx, quando falava do ensino politécnico, neste caso o Marx também não foi um especialista no tema da educação, a gente não pode imaginar que o Marx disse sempre a última palavra sobre tudo. O Marx foi um gênio insuperável na crítica ao capital. E quem tiver melhor que nos ofereça. Até agora não conhecemos. Isto é uma obviedade. Até os economistas burgueses de qualidade sabem disso. Mas, o Marx quando falava da educação politécnica pensava numa educação que teria que ter, mesmo voltada para uma inserção na atividade produtiva, um ensino poli, multi, homni e não unilateral. As formações profissionais são, no meu entender, uma imposição de um mercado regido por uma razão instrumental que tem que qualificar o indivíduo para o mercado. Mas o mercado não é o ente humanizador.

Qualquer pessoa com um razoável sentido de humanidade sabe que o mercado é em si e por si fonte de desumanização. Não é por acaso que hoje no mundo, uma parte importante, 20 a 25% da população humana mais miserável, não tem sequer acesso ao mercado. Outros 20, 30% tem um acesso parcial e só uma parcela muito minúscula da população, que são as classes ricas e as classes médias altas, se beneficiam da riqueza material e espiritual criada.

Motrivivência: Gostaria que você analisasse um pouco sobre a evolução e os desdobramentos das transformações do mundo do trabalho em seus diversos momentos históricos, tendo como eixo de reflexão o acúmulo teórico da sua própria produção acadêmica, nomeadamente, Adeus ao trabalho?, Os sentidos do trabalho, Infoproletários e outras?

Ricardo Antunes: Vou tentar fazer resumidamente. O Adeus ao trabalho? nasceu no início dos anos 90. Em 89 eu fui à Itália, então minha primeira viagem a Europa. Até então eu conhecia a América Latina. Quando eu fui à Itália, para uma atividade que equivaleria, na época, quase a um pós-doutorado, na Universidade de Bolonha, em convênio com a Universidade de John Hopkins (campus de Bolonha)

e passei um mês debatendo em longos seminários sobre as questões do trabalho. Eu estava intelectualmente muito incomodado porque vinha de dois estudos anteriores, de alguma profundidade, a minha tese de mestrado, sobre consciência de classe do operariado brasileiro nos anos 20 e 30 e a consciência e o papel das greves operárias do ABC paulista de 1978, 79, 80 – sobre aquelas greves históricas que geraram a figura histórica do Lula. Esses dois estudos, e mais um outro que fiz do começo dos anos 90 chamando Novo sindicalismo no Brasil, me levaram a entender, nos anos 80, trabalho no Brasil, me obrigando assim a fazer uma análise mais global. E eu fui para a Itália, voltei com essa idéia na cabeça, cujo conteúdo resultou, em 1994, na defesa da minha tese de docência intitulada Adeus ao trabalho?. Esta tese se converteu em livro em 1995 e neste procurei me concentrar na seguinte pergunta: qual era a questão fundamental da formulação Adeus ao trabalho?

Neste momento, estava lendo a literatura da época, André Gorz, Claus Offe, Dominique Mèda, Jeremy Rifkin, Robert Kurz e Habermas – com todas as suas diferenças. O que tentei indicar no meu livro é que todos eles, com muitas diferenças, se constituíam, fundamentalmente, em teóricos com visão eurocêntrica,

afirmando que o trabalho perdera seu sentido estruturante. Eu dizia, primeiro, eles são eurocêntricos. Segundo, não é possível você falar do trabalho hoje sem olhar a Europa. Mas é impossível você falar do trabalho hoje sem olhar o sul do mundo. A Europa, como disse Marx, é um pequeno canto do mundo, mas é um canto do mundo. É impossível você falar do trabalho sem olhar a China, sem olhar a Índia, sem olhar a África, sem olhar a América Latina, impossível E eu fui olhar o continente europeu, o Japão e os Estados Unidos com os olhos do sul do mundo.

Então, qual foi a primeira constatação, digamos, entre várias, que fiz no Adeus ao trabalho?, na direção contrária ao “fim do trabalho”? A classe trabalhadora hoje é mais complexificada, mais fragmentada, complexa e mais heterogeneizada e ainda mais precarizada. Naquela época havia um conjunto de sociólogos economicistas que diziam o seguinte: com o avanço tecnológico todo trabalho penoso vai desaparecer. Essa foi uma crítica dura que fiz nos meus escritos da época. Eu fico contente, muito contente, eu não posso negar isso, que em 2011 (eu publiquei esse livro em 95, portanto 15 para 16 anos depois) esse livro teve 15 edições no Brasil e foi publicado em sete países.

Motrivivência: *Você quer dizer da atualidade do seu livro Adeus ao trabalho?*

Ricardo Antunes: *É, as suas teses fundamentais se mostraram claramente. A tendência dominante do trabalho nos últimos 20 anos (não a única, eu vou tratar depois das outras) foi e continua sendo a precarização estrutural, por isso que temos desempregos em níveis brutais. Bastaria pegar os índices de desemprego da OIT, mas se a gente colocar a China e a Índia nessa história toda, o desemprego, a quantidade de gente hoje desempregada, e precarizada vai somar muito mais próximo da casa de um bilhão de homens e mulheres desempregados e/ou precarizados e na informalidade.*

Segundo a tese vital do Adeus ao trabalho?, a informalidade não é um desvio de rota é a tendência. Hoje até trabalhos de profissão, aqueles trabalhos que estão no topo das tecnologias da informação, muitos deles são PJ (pessoas jurídicas), não têm mais relação de contrato de trabalho. Então, a informalidade, ela veio não como uma exceção no mundo do trabalho mas como uma tendência muito forte. Foi isso que eu tentei mostrar no Adeus ao trabalho?. Comecei a trabalhar o livro Os sentidos do trabalho em 95 quando publiquei o Adeus ao trabalho?. E trabalhei nele em 96, 97, especialmente em

97 e 98, quando passei um ano na Inglaterra, trabalhando na Universidade de Sussex onde fiz meu pós-doutorado. Neste novo livro, eu queria fazer um acerto de contas com um autor que eu pouco citei no *Adeus ao trabalho?*, porque até então eu não tinha feito um estudo mais apurado do seu texto mais relevante até aquele momento para o nosso tema de debate, que era o Habermas. Repare que no *Adeus ao trabalho?* eu não cito a “Teoria da Ação Comunicativa”. Eu cito outros textos do Habermas. Mas, eu dizia, a teoria da ação comunicativa ou a teoria do agir comunicativo, merece e vai me obrigar a fazer um estudo mais sistemático. E uma parte importante de 97 eu passei lendo e relendo este autor para preparar um debate, entre ele e a ontologia do ser social, do Lukács. Ao mesmo tempo em que eu estava numa universidade de ponta da Inglaterra, Sussex, que é a ponta sul da Inglaterra, que me remete para outra Europa, para França, para Itália, para Portugal, para Espanha, mais para o lado asiático, para o Japão. E na Europa eu pude ler muito sobre Ásia, Japão, China, um pouco sobre a Índia, e muito sobre a Europa, especialmente o caso Inglês, laboratório do neoliberalismo, onde ele está sempre acompanhando também, com maior ou menor intensidade, mas sempre acompanhando, o caso

norte-americano. Os sentidos do trabalho, então, é tematicamente uma continuidade do *Adeus ao trabalho?*, mas ele é um outro trabalho. Quem lê *Os sentidos do trabalho com atenção*, vai perceber que se trata de outro trabalho, considerando o fato de que ele tem, digamos assim, uma preocupação mais teórica que eu não poderia ter no *Adeus ao trabalho?*. O *Adeus ao trabalho?* era uma primeira mirada sobre o mundo do trabalho e *Os sentidos do trabalho* oferece um outro desdobramento mais teórico, mais analítico.

Motrivivência: Mas isso foi um salto qualitativo na sua produção?

Ricardo Antunes: No *Os sentidos do trabalho* eu tive que enfrentar a questão da teoria do valor, eu tive que enfrentar o debate da teoria da ação comunicativa com o Habermas, tive que fazer uma leitura livre e antidogmática do Lukács, que é um autor vital para mim, mas sem ser um lukacsiano dogmático. Existem alguns, cuja produção é, para dizer no mínimo, muito equívoca. O nosso desafio hoje não é uma repetição dogmática de nenhum autor, nem do mais geral de todos eles que é o Marx. O Marx tem um diálogo com as filhas dele que é lindo. As meninas perguntam: Pai, o que você acha disso? Pai, o que você acha daquilo? Pai, o seu poeta

predileto? Pai, não sei o que? Pai, o seu lema de vida? Sabe o que o Marx responde para elas? "Duvidar de tudo". O Marx, que é dogmático, duvidava das suas teorias. Então, com Os sentidos do trabalho eu pude dizer qual a teoria do valor hoje. E tentei mostrar, com as minhas limitações, que o Habermas tem uma enorme limitação. Ele é eurocêntrico e a disjuntiva que ele faz entre sistema e mundo da vida, que ele acha que é a grande construção epistemológica, não tem, no nosso entender, base ontológica. Então, o Habermas faz uma sofisticada construção epistemológica e separa trabalho da esfera do sistema com o mundo da vida, a esfera da sociabilidade, a esfera da comunicação, da subjetividade, da intersubjetividade, como se fossem dois mundos. E como ele sabe que esses dois mundos não podem ser separados ele vai dizer o sistema recoloniza o mundo da vida. Mas afirmar a recolonização do mundo da vida pelo sistema, ou seja, o mundo da vida sendo subjulgado pelo capitalismo, dizer que recoloniza, é muito pouco. O Lukács, ao contrário, vai dizer que, usando uma outra terminologia, as posições teleológicas primárias, onde existe a esfera do trabalho, e as posições teleológicas secundárias, onde estão por excelência as dimensões mais próximas da interação, da

intersubjetividade, por exemplo a arte, a política, a filosofia, a religião, as esferas mais típicas, digamos assim, da intersubjetividade, a esfera do convencimento. Lukács vai dizer, uma não se reduz a outra, mas uma não tem uma ruptura em relação a outra, é uma espécie de um prolongamento muito mais sofisticado que tem continuidade e descontinuidade, mas não tem a tesoura. E, neste sentido, Habermas passou a tesoura e, na hora que passou a tesoura ele perdeu. A teoria da ação comunicativa teve seu apogeu nos anos 90 no Brasil, neste sentido, pode-se dizer que somos os papagaios, nós somos bons papagaios dos europeus. Nesta década só se falava desta teoria. Bom, o que a teoria da ação comunicativa me ajudou a entender desta crise que quase levou o capitalismo para o poço, aliás para o poço levou, né? Mas, o poço também tem suas muralhas e tem seus alicerces, que impedem que o poço baixe, que acabe ainda mais profundo do que ele está. No que o Habermas nos ajudou a entender a crise de 2007, 2008, 2009?

Habermas, no capítulo sobre Marx e a colonização do mundo da vida, não faz nenhuma citação do Marx original. Ele sempre está citando algum comentador de Marx, é sempre segundo alguém, segundo os alunos dele, segundo a equipe dele,

é sempre segundo alguém. Marx, não aparece nos textos originais. Poxa, o Weber é sempre citado ali na fonte e o Marx é sempre segundo um outro autor. Não é que o Habermas não conheça o Marx, não é isso que eu estou dizendo, mas é evidente que o Marx faz parte de uma leitura do seu passado. E há uma entrevista, isso eu cito sempre, eu precisaria um dia ter paciência de buscar e eu vou lembrar de memória uma coisa que eu li há pelo menos 20 anos atrás. Eu lembro de ter lido no antigo “Caderno Mais” uma entrevista concedida por Habermas à Bárbara Freitag, na qual ele diz mais ou menos assim: “sinto que agora para entender a crise atual dos anos 90, eu teria que ter mais densidade na minha leitura da crítica da economia política com base no Marx. Mas não tenho mais vontade, nem ânimo nem vitalidade para fazer isso”. Esta citação não é literal, porque estou lembrando a leitura é o que ficou na minha memória. As palavras podem ser outras, mas essa é a substância. Então, no *Os sentidos do trabalho*, para concluir, tentei trabalhar o que é a teoria do valor hoje, qual é o peso da dimensão cognitiva, da informação como parte do mundo da mercadoria. O que é a teoria do valor hoje comparada à teoria do valor-trabalho da época do Marx e como a teoria do valor-trabalho

do Marx é decisiva para entender o mundo contemporâneo.

Assim, ao invés de dizer como Habermas que a teoria do valor perdeu relevância porque o trabalho não tem mais relevância; significa que este autor não entendeu uma questão decisiva: que há uma profunda interação entre trabalho e ciência. Habermas não foi capaz de entender trabalho vivo e trabalho morto. Disso eu tratei no *Os sentidos do trabalho*. *Os sentidos* pretendia compreender, primeiro, o que é a teoria do valor hoje? Segundo, como que o chamado trabalho imaterial, ou que o Marx chama de O capital e também no Capítulo inédito de “produção não-material” – ela na época de Marx era marginal, mas já existia – Marx cita inclusive o exemplo do professor, do escritor, como importantes, comparando com o trabalho material, e como que esse trabalho, digamos assim, imaterial ou não material é parte constitutiva da teoria do valor hoje. Ele não nega a teoria do valor. Ele é parte. Inclusive este talvez seja o elemento que aparece no *Adeus ao trabalho?*, mas eu retomo no *Os sentidos* para mostrar como o toyotismo se diferencia do taylorismo essencialmente num ponto, ou o ponto mais importante. Se o taylorismo em certo sentido desprezava a dimensão cognitiva e subjetiva do trabalho, o toyotismo vai fundar

a apropriação do valor e do mais valor sobre a classe operária, sobre os trabalhadores e as trabalhadoras, a partir não só da manualidade, da fisicidade do seu trabalho, mas do seu intelecto. E eu mostrei como isso é vital. E isto não estava no Adeus ao trabalho?, isto é vital para teoria do valor. Então é por isso que no debate na teoria do valor eu faço um excerto sobre o diálogo crítico Habermas Lukács e tem uma parte que eu chamei “A classe-que-vive-do-trabalho”. No Adeus ao trabalho? eu usei essa definição categorial, o que para mim é sinônimo de classe trabalhadora. Mas sinalizando que a classe trabalhadora hoje é, por certo, diferente da classe trabalhadora do século XIX, uma obviedade que só uma análise muito rústica não apreende. Nós temos que entender quem é a classe trabalhadora hoje. Por que se aqueles autores que anteriormente me referi, de algum modo disseram a classe trabalhadora não tem mais importância, que ela não conta mais, nem numericamente. E eu tento demonstrar que ela é vital hoje.

Motrivivência: E nesse sentido, o livro Infoproletários, por exemplo, como você o coloca sequência da sua produção acadêmica?

Ricardo Antunes: Eu citaria outros dois estudos junto com Infoproletários. Eu terminei o Adeus ao trabalho? em 1995, Os sentidos do trabalho

em 99, que foi, não posso deixar de reconhecer, um livro que vem me dando muitas alegrias. Em 99 saiu a primeira edição, em dezembro de 2010 saiu a décima segunda edição brasileira. Saiu uma edição na Itália, uma edição na Espanha, está sendo traduzido para o inglês e para o francês. Em 2005 eu publiquei um pequeno livro chamado Caracol e sua concha, com vários ensaios posteriores ao Os sentidos do trabalho, no qual eu desenvolvi um pouco essa ideia da nova morfologia do trabalho, quem é a classe do trabalho hoje, como entender que, digamos assim, o proletariado industrial não desapareceu. Se nós formos à Volkswagen hoje, se nós formos à Fiat do Brasil, se formos à Volkswagen em Portugal, à Fiat na Itália, à General Motors nos EUA, ou à Toyota no Japão, às fábricas automotivas desses países, vamos ver trabalhadores e trabalhadoras na planta. Claro que não são os mesmos trabalhadores e trabalhadoras no mesmo processo produtivo na planta taylorista e fordista de 25 anos atrás. Quem são esses trabalhadores? Aí eu publiquei um livro Caracol e sua concha – que eu não explico o título para provocar o leitor. Mas aqui numa entrevista, como esse livro já foi publicado, é óbvio que eu já posso explicar, porque eu não explico o título na capa, mas explico no texto. O Marx, num

dado momento d'O capital, vai dizer assim, que "quando a manufatura separou o trabalho dos meios de produção, ele fez o mesmo que separar o caracol da sua concha". O caracol morre sem a sua concha. Então o que é o caracol e sua concha? É o trabalho e os meios de produção. Se nós não formos capazes de recuperar no século XXI um mundo do trabalho criativo, onde o ser que trabalha seja ele proprietário dos seus meios de produção, que terão que ser coletivos e sociais, nós não recuperaremos a vida do caracol que só é possível com sua concha. Daí a metáfora. Mas, é também nesse período, em que publico um livro chamado Riqueza e miséria do trabalho no Brasil, que são quase 600 páginas do trabalho coletivo do meu grupo de pesquisa. Por que, depois de ficar duas décadas praticamente ou uma década e meia olhando detalhadamente o mundo do norte, o nosso grupo de pesquisa na UNICAMP, meus orientandos de doutorado, pós-doutorado, mestrado e de graduação, resolvemos nos dedicar aos estudos do mundo do trabalho no Brasil. Em categorias das mais diferentes, dou dois exemplos limite: dos cantores líricos, as formas de degradação do trabalho do cantor lírico, às formas de degradação do trabalho mais informal dos informais: os camelôs. Nós estudamos metalúrgicos,

bancários, telemarketing, indústria de tecidos, aqui da região de SC, pelo núcleo de indústria têxtil e de confecções que é forte por aqui, e tantos outros setores que analisamos. Depois desse livro nós quisemos enfrentar uma tese, o Rui Braga e eu, que é co-autor comigo no Infoproletários. Existia uma tese desenvolvida por Manuel Castells e por outros, no nosso entender, muito superficial, que dizia assim: os trabalhadores das tecnologias da informação, estes são os trabalhadores bem sucedidos, felizes, que vivem bem, que estão no topo da classe trabalhadora. E nós fomos ver que as condições de trabalho dos chamados trabalhadores das tecnologias da informação, tem frequentemente a aparência de um trabalho bem sucedido, mas tendo os condicionantes de um trabalho precarizado, informal, desprovido de direitos, fundado em metas e competências que levam até ao suicídio. Como um exemplo disso, pode-se lembrar dos vinte e cinco trabalhadores que se suicidaram na Telecom France. Isso aconteceu nos últimos dois anos e meio, em função do processo de privatização e da implantação do sistema de metas da Telecom na França. Os suicídios no Japão existem há décadas, constituindo num dos traços do capitalismo japonês. O karoshi japonês. Veja a filmografia,

nos últimos vinte anos ninguém mais falava de trabalho, os filmes falavam de clima de trabalho. Os filmes falavam de tudo, menos de trabalho. Se você pegar os filmes mais importantes desses últimos quatro anos na França são todos sobre o trabalho.

Motrivivência: Você pode enunciar nomes de filmes que tratem das mazelas do mundo do trabalho?

Ricardo Antunes: *Por exemplo, filme O corte, de Costa-Gravas, no qual está em jogo um gerente desempregado com 40 anos e que não consegue mais trabalho.*

Há também o filme do argentino que dessa nova geração argentina – Marcelo Piñeyro – chama-se El método. O filme conta a história sobre a disputa de cinco, seis ou sete jovens por um posto de trabalho. Outra produção cinematográfica é o clássico filme inglês do final dos anos 80, The Full Monty, lançado entre nós com título Tudo ou nada. Neste, uns quatro ou cinco desempregados ficam nus perante uma plateia de mulheres desesperadas para ver o show de quatro ou cinco homens nus. É uma metáfora genial. Eles não tinham mais emprego... Eu citaria vários, há um conjunto imenso de outros filmes que certamente não vou lembrar agora. Uma coisa é certa, a problemática do trabalho continua a ser abordada, com

destaque especial ao filme do Élio Petri, A classe operária vai ao paraíso, dos anos 60. Por que o tema do trabalho voltou? A França tinha até o ano passado, segundo dados não oficiais, uma estimativa – eu li e estou lembrando de memória, de um artigo da Danièle Linhart, que é uma socióloga francesa muito qualificada, que eu publiquei um livro dela na minha coleção “O mundo do trabalho”, pela Boitempo – de que são cerca 300 suicídios por ano que decorrem do trabalho. O Christophe De Dejour tratou disso.

Motrivivência: Você está se referindo aos aportes teóricos que envolvem a problemática “Saúde, trabalho e sofrimento”?

Ricardo Antunes: *Claro, a saúde corpórea e mental. Um indivíduo que é execrado pelos demais porque é improdutivo, porque é lento. Na nossa pesquisa sobre Riqueza e miséria do trabalho há depoimentos de jovens trabalhadores que dizem: na hora que nós temos que cortar alguém da nossa equipe, nossa célula de produção tem 7 ou 8 pessoas, já teve filho que votou no corte do pai. Porque o pai tem 40 e poucos anos, o filho tem 20 anos, quem é mais produtivo? É o menino que está malhando lá, virilidade lascada. O cara de 40 já não topa qualquer negócio. Então na hora de cortar, bom, pai, é em você que eu vou ter que votar.*

Você imagina para um filho votar por dados objetivos na demissão do pai? Então, os adoecimentos, os sofrimentos, os estranhamentos, os fetichismos. Nós pesquisamos também no Riqueza e miséria os bancários. Quantos trabalhadores do Banco do Brasil que com o PDV (plano de demissão voluntária), buscaram suicídio. Numa cidade do interior ser do Banco do Brasil era status. A pessoa tinha a conta garantida, reconhecido como “aquele não atrasa pagamento”. Status de ser bancário do Banco do Brasil. De repente o Banco do Brasil manda para ele uma carta “você foi escolhido”. Olha o nível de indigência que chegou o Banco do Brasil semi-privatizado, isso na era Fernando Henrique Cardoso. E essas tendências continuam. Você vai para esses bancos estatais que tem uma pragmática semi-privatizada. É uma tragédia. Nesse sentido as mudanças são muito pequenas. Veja o que dizia um documento de demissão do Banco do Brasil na época do Fernando Henrique Cardoso: você foi escolhido entre os melhores para se candidatar ao plano de demissão voluntária. Você pode admitir uma coisa dessas? Quer dizer, você é candidato a meter a sua cabeça no cadafalso. E esse é o teor do Riqueza e miséria. O Infoproletário, como eu estava dizendo, para fechar, tinha como

objetivo entender esses trabalhadores das tecnologias da informação e das comunicações que Manuel Castells e outros achavam que era o máximo do trabalhador, quando na verdade eles vivem as penúrias de um proletário na era informacional. Por isso, chamamos Infoproletários. Como é o subtítulo? A degradação real do trabalho virtual. Por exemplo, no telemarketing, há um controle do chamado tempo médio de operação, é o controle do tempo que a telefonista ou que o jovem, homem ou mulher, ficam no telefone respondendo. Se ele passa o tempo médio ele sofre intervenção porque ele não está sendo produtivo. Há a perda da voz, há doença, enfim, há agressão que muitas vezes uma trabalhadora de telemarketing, 70% desse conjunto é feminino, recebe. Essas trabalhadoras sofrem de agressões, porque o consumidor que liga joga todo seu ódio, por vezes, justo contra a empresa privatizada, mas joga contra a coitada da trabalhadora que está lá. Tem que responder e não pode ser agressiva com o consumidor, senão ela leva uma dupla penalização. O intento de Infoproletários foi tentar mostrar que no século XXI o trabalho das tecnologias da informação também sofre os padecimentos que afetaram o mundo do trabalho brutalmente nas últimas três décadas.

Motrivivência: Nos seus livros percebe-se que você usa sempre os termos devastação e destruição das forças produtivas. Neste sentido, percebe-se que muitos dos colegas das universidades que há um certo exagero nestas expressões. Contudo, parece que você usa para caracterizar a categoria da exploração e da precarização da força humana e do trabalho. Como é que você argumenta isso?

Ricardo Antunes: *Vou dar um exemplo. Eu morava na Inglaterra em 1997, no ano em que trabalhei na universidade de lá, numa cidade classe média alta. Cidade inglesa pequena, bem arrumadinha, chamada Lewes. E uma vez eu estava andando nessa cidade e pedi uma informação para um inglês: como eu faço para ir em tal lugar. Ele diz: “você tem que ir por aqui. Mas, não passe por esta rua porque aqui moram os desempregados”. Daí eu perguntei: “qual é o problema?” “Ah, ali tem muitos assaltantes”. Então eu perguntaria para o leitor, se você é considerado pela sociedade, por estar desempregado, um potencial assaltante, é muito mais do que devastação, é muito mais do que violência. Esse indivíduo é segregado, ele é diferenciado da sociedade porque está desempregado. Ele está desempregado não porque ele é ineficaz. Ele está desempregado porque o desemprego atinge*

uma parte importante da classe trabalhadora, seja ela qualificada ou não. Eu já entrevistei gerentes que acham que cortar trabalho é normal. Até um dia que eu entrevistei um gerente que estava três anos desempregado. Não encontrava mais emprego nenhum, porque ele era considerado velho com 40 anos. Ele foi virar motorista de táxi. Com o que sobrou do restinho, do pingadinho do fundo de garantia dele que depois de três anos, ele comprou um taxi. Eu não vou contar para você o que depoimento que ele me deu que é magnífico, só resumir. Ele diz: “eu estou voltando a ter um táxi três anos depois porque eu não suporto mais o desemprego”. E ele era, pós-graduado em economia pela Fundação Getúlio Vargas, gerente de um banco público do Rio de Janeiro que foi privatizado depois. Se isso não for devastação subjetiva, é pior. Entende?

Motrivivência: Sim, mas os subcontratados, os precarizados muitas vezes usam esse argumento, mesmo no subemprego eles dizem que “é melhor trabalhar assim do que ficar desempregado”?

Ricardo Antunes: *Claro. É isso que eu estou dizendo. Veja bem, dentro do capitalismo, é você ser assalariado do que desempregado. Mas, quando esses direitos começam a ser dilapidados, você se torna um*

precarizado, terceirizado, informalizado. Ainda assim, para o terceirizado, é melhor ser terceirizado do que desempregado. E para o desempregado, qualquer emprego é melhor do que o desemprego. Mas, são formas de devastação, entende? É porque o trabalhador se apóia na questão da empregabilidade. O termo empregabilidade expressa o quê? Trata-se de pura ideologia. Esse termo quer dizer que você está desempregado porque você não se qualificou, o que é uma mentira. O que tem que ficar claro para o nosso leitor é o seguinte: o sistema capitalista, a nossa população mundial hoje, tem entre 4 a 5 bilhões, que compreende a população economicamente ativa, disponível para o trabalho. O capitalismo não tem condições de incorporar em condições dignas metade disso. Não tem condições. Por que uma empresa A para concorrer com a empresa B tem que ser mais produtiva que a B. Nós temos de 500 a 600 transnacionais no mundo, e uma é mais produtiva que a outra se ela é mais enxuta e mais econômica que a outra. E as empresas consideram trabalho os custos, cortam o trabalho, desempregam os trabalhadores. Então, nós temos que entender é a tragédia social, é uma devastação social. Você ter hoje, digamos um bilhão de pessoas ou dois bilhões de pessoas que recebem entre dois,

três dólares por dia e; o que é isso, senão uma brutalidade? Eu estava há uns dois meses no Nordeste, depois de fazer uma palestra – vou dar este exemplo – fui para uma praia descansar (eu ia pegar o vôo à noite). Sentei na praia e pedi lá a minha água de côco. E do meu lado, há três, quatro metros, tinha um casal, eles pediram uma coca-cola, batata frita acho que um frapê com sorvete de chocolate. Quando eles saíram, veio uma pessoa da população local pobre, viu a comida deles e comeu o resto de batata frita, o resto da coca-cola. Sabe, aquela pessoa comia aquilo como se fosse a única refeição do dia. Se isso não for devastação social... Ao mesmo tempo que eu lia hoje na Folha de São Paulo, que a burguesia de delinquentes de Jurerê gasta 10, 20, 30 mil por dia em champanhe e em quitutes. Que dizer, isto é devastação social ou não? Os super-ricos, digamos assim, cuja boçalidade não chegou no nível da indigência. A boçalidade cultural dessa burguesia, o seu capital cultural. Ao mesmo tempo em que eles têm capital material alto, eles tem um capital cultural que está ao nível do esgoto, entende? Isto é devastação. E se eu não faço a crítica dura, quem vai fazer? Para fazer a crítica dura você tem que ter coragem, você tem que ter independência. Um jovem muitas vezes não consegue fazer

porque o jovem ainda depende, não é? Eu não dependo. Eu nunca dependi para fazer minhas pesquisas de nenhuma empresa privada, de nenhum financiamento privado. O Robert Kurz é um autor que eu gosto muito, eu polemizo muito com ele, ele diz que nosso papel hoje no mínimo é fazer a crítica radical e, nós temos que fazer a crítica radical. Não quer dizer que todos os empregos vivenciam a condição de devastação, eu estou pegando uma tendência social. Isto é muito importante.

Motrivivência: Seguindo esse raciocínio, eu não sei se você poderia abordar um pouco as chamadas políticas públicas ditas de emprego ou políticas públicas para o trabalho dos últimos governos. Gostaríamos que você pudesse fazer uma breve análise a respeito dessas políticas, enfatizando o que se passou nos governos de Itamar, Collor, Sarney, FHC e Lula.

Ricardo Antunes: *Eu vou fazer um flash de cada um porque senão é muita coisa. Sarney foi o último suspiro do desenvolvimentismo, um fracasso completo. Ele era o último suspiro do PMDB que se julgava desenvolvimentista na época em que começa aqui o florescimento do neoliberalismo. Collor, a este deve-se a devastação completa. Um indivíduo, o pior, aquele, é*

a expressão política do consumo destrutivo, como a praia aqui de Jurerê Internacional. O Collor é a expressão política da degradação material da burguesia que vive o seu frenesi diário, gastando 60 mil reais, enquanto o vizinho, da Tapera, não ganha isso em 12 anos. Entendeu? É isto. Este foi o Collor. Devastou, liberou tudo e iniciou a destruição dos direitos. Porém, o Collor é a irracionalidade burguesa. O seu sucessor não conta, Itamar é vice, tampouco o buraco. O seu sucessor é Fernando Henrique. Ele pensou: vou fazer a política econômica de Collor sem a sua delinquência política. O Fernando Henrique foi a irracionalidade burguesa do privatismo do neoliberalismo no Brasil. A tal ponto que eu estava na Inglaterra em 1997 para 98 e li o editorial do The Economist dizendo que era muito importante que o Fernando Henrique fosse reeleito em 98, porque ele tinha feito em quatro anos o que a Margaret Thatcher tinha levado três anos para fazer na Inglaterra. Isso fala por si só. Quando o Lula subiu para desmontar o neoliberalismo e a política econômica do Fernando Henrique, PSDB e DEM – os democratas eram de uma ironia grotesca, os DEM são antigos PFL, e o PFL é a antiga ARENA. Eles representam a direita do pior naipe. Essa direita pesada é a direita civil brava. Tem

a direita civil, digamos assim, que fica no esgoto, são os partidos, esses pequenos, e tem a direita esta que joga pesado, e tem bons representantes aqui em Santa Catarina: capital financeiro, saqueador, ultra elitista, que passa longe dos pobres porque ele não está acostumado com o cheiro dos pobres. Esse foi o Fernando Henrique. Por isso a população, depois, acabou por eleger a Dilma em 2010, não porque acha que a Dilma vai fazer um grande governo, porque Dilma versus o tucanato privatista, é melhor ficar o arroz com feijão sofrível do que a comida sofisticada que só eles comem. Então, Fernando Henrique foi uma política social restritiva, que no máximo se parecia, como diz na Folha de São Paulo há 20 dias atrás num artigo, com a esmola que a classe média dá para os pobres no final da missa de domingo.

Motrivivência: Mas, e o primeiro e o segundo mandatos do Lula, o que representaram para a classe trabalhadora?

Ricardo Antunes: O Lula sobe em 2002, nós vamos perder dois minutos com o Lula, não vale a pena mais que dois minutos também. Muita perda de tempo. Dois minutos com o Lula, não mais. O primeiro governo foi uma pura continuidade, mais intensa, do governo Fernando Henrique. Quem

trabalhou na Universidade Federal sabe do que eu estou falando. Eu lembro que os primeiros anos do governo Lula houve um aumento de 0,01%, quer dizer é obrigado a dar aumento de salário, eu vou dar um aumento simbólico, 0,01% só para dizer que dei. Então, quem trabalhou na Universidade Federal lembra que era preciso fazer greve, isso e aquilo. Sobre o Lula, bastaria dizer que sua primeira medida foi taxar os aposentados, incentivar os fundos privados de pensão, fazer aquelas reformas que o Fernando Henrique não fez, aumentar o superávit primário e limpar os terrenos. O primeiro governo do Lula foi uma tragédia completa. E terminou o governo Lula com o mensalão de 2005. O mensalão não foi uma conquista, um movimento da direita, não foi. O Lula só não caiu em 2005/2006, porque nenhuma grande burguesia é louca de demitir um presidente que é popular e que mantém uma economia em um nível de estabilidade magistral. O Lula disse, várias vezes no seu governo, e a única coisa que eu concordo de tudo isso, a única que eu assinaria em baixo, foi o fato de dizer "que nunca ninguém ganhou tanto dinheiro no meu governo quanto os bancos". Ele cansou de falar isso. Se você puxar na imprensa, no google, você vai ver quantas vezes ele disse isso. Ele deve ter

falado centenas de vezes. Ele tem razão. Isto basta para quem é de esquerda. Um governante que se vangloria de ter dado os mais altos níveis de lucro para os bancos no Brasil. Eu tenho que ser breve aqui, mas só um paralelo do governo Lula e a burguesia. Nunca a burguesia ganhou tanto dinheiro do Brasil quanto na ditadura, com uma diferença, isto é importante dizer, Lula nunca foi ditatorial. Eu estou falando em paralelo com a ditadura no plano dos níveis da acumulação. O Lula tem uma sacada genial. O Lula sabe. Ele é por excelência uma variante de um bonapartismo, eu não tenho tempo de explicar aqui, é o homem da conciliação. O Lula quer o país do capital e do trabalho integrado. Então o Lula diz: “eu garanti os primeiros quatro anos, desse bolo aqui, tudo isso aqui ficou para vocês. E esse aqui ficou para os pobres. Para os miseráveis. Isso foi o primeiro mandato. O segundo mandato, sem a base que o Lula teve no primeiro, porque a base dele, ele odiou no primeiro mandato. Você lembra como o Lula foi eleito em 2006 com o Alckmim? No segundo turno. A população falou, você vai ganhar do Alckimim porque ele é o privatista, é o homem da Opus Day. Esse não dá. Mas o Lula teve que suar a camisa. E o segundo mandato o Lula fez, e isso é importante dizer, uma alquimia: sem tocar em

nenhum centavo do grande capital, mexendo na fatia dos assalariados ele fez com que uma parcela mais pauperizada e miserabilizada recebesse as migalhas da Bolsa Família, que é puro assistencialismo.

Motrivivência: Está se referindo ao chamado Neoliberalismo social?

Ricardo Antunes: Para ser mais rigoroso, é o que o Guiddens seguido pelo David Miliband, que é o filho do velho Ralph Miliband inglês, chamaram, na Inglaterra nos anos 97/98, de “social liberalismo”, que, aliás, ambos propugnaram e defendiam. Um misto da social democracia com os fundamentos do neoliberalismo. E é evidente. No governo do Fernando Henrique qual era o aumento no salário mínimo? Irrisório! O Lula, no segundo momento, no segundo governo, aumentou um pouco mais. O salário mínimo brasileiro é indecente hoje. Nós estamos vendo agora, o governo está batendo o pé nos R\$ 540,00, quando podia dar muito mais. Acabou a campanha, agora voltou o modus operandi anterior. Mas é evidente que os argumentos do salário mínimo irrisórios do governo Lula, comparados aos do Fernando Henrique, parecem substanciais. Está dando para entender? E os pobres, eles percebem. E o Lula tem um traço que é genial. O Lula vai entrar para história do século

XX como o novo Getúlio. O Lula fala para os pobres. O Lula elaborou uma arquitetura política que governa para os ricos e fala para os pobres. O Getúlio fazia isso muito bem, com uma diferença, o Getúlio vinha das classes dominantes, era um estancieiro dos pampas. O Lula fala para os pobres e eu já chamei isso em alguns artigos que eu escrevi sobre ele na Folha de São Paulo, *Jornal do Brasil*, aliás, eu vou republicá-los, ele é uma variante pícara. Na literatura, a literatura picaresca é aquela que não importa, a cada dia você tem uma história nova. Não importa que ela seja pura invenção, puramente inverídica. O Lula cada semana tem uma fala para os pobres e é quando ele envolve os pobres. E ele, esse é um traço importante, foi o mais importante líder sindical de operário da história do país. O Lula não foi um mito criado, um mito de areia. O Lula criou-se nas lutas sociais, e o Lula realizou uma coisa que as classes dominantes há décadas, na verdade há séculos, fazem nesse país, que é a possibilidade do *self made man*, que é a possibilidade de você, se for lutador, se for brioso, se for trabalhador, você chega no topo. Então, Lula é um mito. A sua principal conquista é inegável no país do capital e do trabalho. Bom, por que a grande burguesia está satisfeita com o Lula? Por causa

disso! Embora muitos deles subjetivamente odeiem o Lula. Por que eles odeiam o Lula? Porque o Lula ainda tem a cara de um ex-proletário. E a burguesia brasileira, digamos assim, a desfaçatez de classe em nossa sociedade tem tanta intensidade que ela se assusta com um indivíduo que tem a cara de operário. Entendeu? Ela se assunta, ela não gosta, ela sabe que ele é um servo dela, mas ela preferia um servo da sua classe. Houve um banqueiro que disse em 2006 – e a Folha de São Paulo publicou isso, sem dar o nome dele – que “o nosso melhor servidor hoje é aquele que foi nosso escravo”, então se referindo ao Lula.

Motrivivência: Então, mas nesse sentido para a gente ir mais ou menos encerrando, tem essa questão da cara sindical do Lula e os rumos, as tensões e as contradições do sindicalismo e diante disso as evidências do mundo do trabalho hoje que são na verdade caudatárias de toda essa experiência sindicalista do Lula. Quer dizer, como você vê, não dá para prever o futuro, mas isso já é real, esse sindicalismo que está que o Lula fez toda as manobras sindicais de centrais sindicais, como, por exemplo, a CUT, etc. Neste sentido, concretamente, quais as consequências disso para o mundo do trabalho?

Ricardo Antunes: *Quero dizer o seguinte: nós criamos três ferramentas do trabalho muito importantes no Brasil nas últimas três décadas: o PT em 80, a CUT em 83 e o MST em 84. As duas primeiras foram completamente destruídas no governo Lula. O PT hoje é uma espécie de PMDB do século XXI. Isto é o que o Marx chamava de um partido da ordem que faz qualquer negócio, qualquer negócio e qualquer negociata para ficar no poder. Bastaria dizer, hoje, para não falar de eleição retrasada, até a última eleição e a eleição passada, que o Sarney está do lado de Lula, que Jader Barbalho está do lado do Lula. Quer dizer, uma parte importante da velha e mais carcomida direita apoia o Lula. A outra parte apoia o Serra ou apoia o Alckimim, quer dizer a direita está nos dois campos. Um conhecido banqueiro disse na eleição passada que com o Lula ou com o Serra, está tudo garantido, porque os interesses são os mesmos a economia é a mesma.*

Motrivivência: E os sindicatos também...

Ricardo Antunes: *Pois é, os sindicatos também, porém com uma diferença. O PSDB, por nunca ter tido nenhuma relação com os sindicatos, sempre tratou os sindicatos com desprezo, mesmo o sindicato*

de direita, que era, em tese, aliado a ele, mas o elitismo não permitia ao PSDB dar espaço aos sindicatos. O Lula não. Ele, como eu disse há pouco, foi no passado o mais importante sindicalista. Eu disse essa frase e já escrevi isso, o Lula foi o mais importante líder sindical da história do século XX no Brasil. Não é uma frase pequena para quem conhece movimento operário ou sindicalismo. É uma frase relevante, e ele foi! Isto dá ao Lula a capacidade que ele teve de revitalizar o getulismo. Eu dou só um exemplo. O Getúlio tinha criado um imposto sindical com o qual um sindicato pode existir sem base, porque dinheiro ele vai ter. Esse imposto sindical na época do Getúlio ia para os sindicatos, para as federações e para as confederações? O que o Lula fez há dois anos atrás além dos sindicatos, das federações e das confederações, o imposto sindical passou a ser recurso vital para as centrais sindicais. Este foi o caminho da servidão drástica, esse foi o final do caminho da servidão voluntária das centrais sindicais ao Estado. E o estatismo é o caminho da servidão. Quando uma central abandona a sua autonomia para ir atrás de verba pública, está no colo do governo. O Lula pôs duas centrais que não passavam na mesma rua, no mesmo ministério.

Motrivivência: Com o discurso da conciliação e do consenso?

Ricardo Antunes: *Claro. E com benefícios muito poderosos para a burocracia sindical. Porque a burocracia sindical era um elemento importante de sustentação do governo Lula. Você sabe que há centenas de dirigentes sindicais que hoje estão nos aparelhos de Estado, nos ministérios, nas secretarias. O Menegueli está em um desses canais, está feliz da vida lá, com um salário alto, tantos outros conselhos das estatais, da Petrobras, até no conselho das grandes empresas estatais privatizadas. Então veja, o governo Lula teve uma capacidade de fortalecer as cúpulas sindicais, enfraquecer a base operária e de trabalhadores do sindicalismo, em seu benefício. Basta citar um exemplo que todos nós conhecemos: os professores universitários e todo o processo de destruição que o governo vem fazendo há anos com a ANDES. Independente de dificuldades que a ANDES possa ter tido na sua história, isso é óbvio, nenhum sindicato passa por uma década, duas décadas sem erros. A destruição que o governo Lula vem sistematicamente fazendo para destruir o ANDES, porque o ANDES não aceitou ser cooptado pelos recursos materiais e ideológicos do lulismo; porque o ANDES ainda tem na sua história uma vontade de autonomia que*

no lulismo é impossível. Assim, de acordo com as lutas do ANDES contra o capital, é impossível estar no governo Lula. É impossível ser base do apoio do governo Lula, é impossível conviver com o Lula se não aceitar o domínio, o mandonismo do chefe. O Lula tem uma aparência democrática. O seu governo não irá para história como um governo ditatorial, ele nunca foi. Mas, o Lula é mandonista. Quem é do esquema do Lula está garantido. Então, por isso, essa campanha sistemática contra o Conlutas, contra a Intersindical, contra o ANDES, contra os sindicatos que são críticos do governo. Além disso, os sindicatos lulistas contam com a burocracia sindical e com um volume imenso de imposto sindical que vai para as centrais. Uma central pode sobreviver só com imposto sindical. Quem deu de presente isso para? E olha a tragédia da história: a CUT – e eu estava no congresso de fundação da CUT – a CUT nasceu dizendo repudiar o imposto sindical em 1983. A CUT em 2011 aceita de muito bom grado e bate palmas para o presidente que estendeu o imposto sindical para todas as centrais sindicais, com exceção da Conlutas que não aceita. A Intersindical não é uma central, mas um movimento de oposição sindical de base, que também é contrário ao imposto sindical. Portanto, a única central,

pequeninha, que tem a coerência ideológica de repudiar o imposto sindical e não aceitá-lo é a Conlutas, porque sabe que a cotização de trabalhador tem que ser autônoma e independente.

Motrivivência: Há resistências possíveis no Brasil, diante da cooptação das centrais sindicais pelo governo Lula e agora de Dilma na relação capital e trabalho? Há uma luz no fundo túnel, tanto em nível nacional quanto internacional, em termos de resistência ao capital em crise, conseqüentemente, da crise do trabalho abstrato, que devasta a subjetividade do trabalhador; que engendra a destruição dos direitos do trabalhador, através da precarização do mundo do trabalho? Há luz no fim do túnel? Com essas centrais sindicais cooptadas e nas mãos do governo, é possível encontrar saídas de resistência em nível nacional e internacional?

Ricardo Antunes: *Primeiro há um breve entrave teórico, só para deixar bem esclarecido. A crise do trabalho abstrato para nós não é ruim, é boa. Porque nós, na única tradição do Marx, o Marx era um crítico radical do trabalho abstrato. Se um dia o trabalho abstrato deixar de ter vigência, uma das possibilidades é de que ele desapareceu porque ganhou plenitude do trabalho concreto. Estaria numa sociedade*

fundada no trabalho auto-determinado, autônomo e livre, fundado em um tempo disponível. Você imagina com as belezas naturais que nós temos, com as riquezas naturais que nós temos, com as riquezas materiais acumuladas; como o nosso trabalho poderia ser livre, autônomo, auto-determinado embasado no tempo disponível, não para o mercado, mas para as necessidades humanas na sociedade. Então, eu sou daqueles que defende, há uma crise no trabalho abstrato, acho que nós somos contra o trabalho abstrato. O problema é que o capitalismo não é contra, ele se funda no trabalho abstrato. Bom, a luz no final do túnel é evidente. É muito importante aqui, na história dos últimos trinta anos, pois, ora o Brasil esteve no fluxo da história, ora no contra-fluxo. Por exemplo, nos anos 80 quando a Europa viveu uma crise no sindicalismo profunda, o Brasil viveu talvez a sua década sindical mais forte de todo o século XX. Nos anos 80 nós tivemos quatro greves gerais volumosas. O nascimento da central sindical mais importante de outras, as mais altas taxas de greve do mundo nós tivemos em 80 quando a Europa e os Estados Unidos estavam na sua mais profunda crise sindical. A vitória do Lula em 2002 era pra ser a vitória, digo no latu senso, digo o que foi dito anteriormente, para

a grande maioria era visto como a vitória da esquerda. Hoje ele é, evidente, o primeiro a reconhecer que não fez um governo de esquerda. Fez sim, um governo para todos, o capital e o trabalho emanados para tornar o Brasil uma potência. O Lula sonha com uma potência energética, petróleo aquecendo e fervilhando o mundo e destruindo o ambiente. Ele sonha com o país do Etanol, aquecendo e torrando o mundo e o processo de torrefação acelerado. Assim, o Brasil pode ir chegando no quintal, da quinta dos quintais para quinta economia do mundo, para poder fazer parte de um mundo destrutivo. É isso. Então é dando migalhas para os pobres, essa é a diferença que as classes dominantes não tem migalha. Para o Lula tem, e se a migalha puder ser bem feitinha, bem temperadinha, melhor. Esse é o traço positivo do Lula, "as migalhas" tem que ser bem temperadas, porque o pobre merece, digamos, o angu do pobre merece ter o traço do chefe, no sentido da cozinha, a marca do chefe. E o chefe é o Lula. Então, melhora no tempero... Muito bem, agora se você olhar para o mundo, existem dois laboratórios de transformações sociais em curso no mundo hoje. A América Latina e a Ásia. E você tem a Europa pegando fogo em função da crise européia. A Grécia, quem podia imaginar que a Grécia, berço

da civilização ocidental, pudesse em 2010 viver uma crise profunda. Quem podia imaginar que na França poria até três milhões e meio de pessoas nas ruas em passeatas e manifestações ao longo de semanas, três milhões e meio. Quem podia imaginar que a Espanha faria uma greve geral, que Portugal faria o mesmo, que na Inglaterra os jovens saíssem para quebrar. Outro dia quase invadiram o palácio de Buckingham na Inglaterra.

Motrivivência: E os movimentos de resistência anteriores nos anos 90 e início do ano 2000, Seattle, Buenos Aires e outras cidades do mundo?

Ricardo Antunes: Estou dando muitos exemplos para não voltar em Seattle em 97, para não voltar na criação do exército zapatista em 94, para não voltar na criação do MST e nas lutas heróicas do MST nos anos 90. Para não lembrar que, nos anos 2000, 2001, a Argentina, depois seis presidentes da república em quinze, vinte dias, criou dois movimentos muito importantes: os piqueteiros, manifestações de massa libertários e mais de duzentas fábricas ocupadas que eles chamam lá de fábricas recuperadas. Eu conheci quatro fábricas recuperadas na Argentina. Eu tive o prazer de lançar dois dos meus livros, o *Adiós ao trabajo?* e *Los sentidos del trabajo* em duas fábricas recuperadas na Argentina.

O que é fábrica recuperada? São fábricas que à nossa maneira chamamos de fábricas ocupadas pelos trabalhadores. Os patrões foram embora, eles ocuparam e dizem: vamos cooperativizar e socializar. Vamos fazer uma cooperativa e vamos produzir e, é claro, com as dificuldades porque você produz aí para o mercado, o inimigo está na porta. Mas, você pelo menos mostra que é possível ter uma produção sem patrão interno. São duzentas fábricas. Você vai para Bolívia e vê, tem um levante indígena e camponês que colocou um índio na presidência da república da Bolívia. Eu não vou discutir agora com você os avanços e limites do governo Morales, poderia fazer isso em um outro momento, mas é um índio que está, e com uma diferença, não é um índio com a cabeça do oligarca, porque daí você poderia dizer: mas o Lula não é um metalúrgico? Sim, o Lula é um metalúrgico com a cabeça do Eicke Batista. Você está entendendo a diferença? O Lula é um metalúrgico que hoje sonha em ser o Obama. Em poder ser não sei o que da ONU. Entendeu? O duro é você ser o Chavez, por exemplo, é um militar de base que foi eleito em 99, e de lá para cá ele só aumentou a sua relação com as classes trabalhadoras. E por que a mídia brasileira odeia o Chavez? Por que ele é grotesco? Ele não é gro-

tesco! Eu não sei se você conhece aquele episódio, todos conhecem aquele episódio, quando ele foi deposto e os golpistas diziam que ele tinha renunciado, um milhão de pessoas cercaram o palácio de Mira Flores na Venezuela e diziam: se ele renunciou, que nos diga que renunciou. Mas, ele não renunciou. Ele sofreu um golpe e a constituição bolivariana diz assim: o presidente só sai assim, assim e assado, golpe não! E começava a balançar, um milhão de pessoas balançar no palácio. Por que o povo pobre foi lá, um milhão de pessoas, sem obrigação, não tinha um partido chavista, não tinha sindicatos. Foi espontâneo, porque a população pobre percebe aquele que defende os seus. Acabou de sair um dado da, eu não lembro se é da OEA ou da ONU, bem simples, reconhecendo o país da América Latina que nos últimos sete, oito anos mais diminuiu a desigualdade social. Foi a Venezuela. Entende?

Motrivivência: Então, há, claramente, uma luz no fundo do túnel iluminando o mundo?

Ricardo Antunes: Mas sem dúvida. E não é o Chavez nem o Morales. O que eu estou chamando a atenção é o seguinte: eu fui na Venezuela já duas, três vezes. Tem um processo de auto-organização popular na Venezuela. Tem um processo

de auto-organização na Bolívia. Tem um processo de organização popular na Argentina. Tem um processo de organização popular. No Brasil houve um processo nesse momento contrário. Se nos anos 80 nós estávamos na frente das lutas latino-americanas, nos anos 2000 nós estamos na retaguarda, porque nós elegemos um presidente de esquerda, as bases populares pensaram “agora tudo iria mudar” e substancialmente nada mudou. Substancialmente, a estrutura agrária brasileira é perversa, a consideração fundiária se mantém. Em nenhum momento o governo Lula taxou o grande capital. Ao contrário. No córtex da crise, qual foi o receituário do governo dado? Diminuir a tributação da indústria automobilística, da indústria de linha branca, da indústria de construção civil e pisar no acelerador da produção. Então o grande capital está felicíssimo com o Lula, porque o capital sonha com lucro e com fim de tributos ou redução. É muito diferente de Morales. Se você vai para China, até 2005, tinham cinco mil conflitos na China por ano. Pois bem, nos últimos cinco anos esses níveis de conflito chegaram a 80 mil, 90 mil conflitos por ano. A China hoje é um país, digamos assim, claro que quando você fecha uma fábrica na China por causa da crise, a crise fez com que no primeiro momento

a China caísse de produção, de crescimento de 12% ao ano foi para 7% ao ano. Um desinformado vai dizer, mas 7% ao ano é um crescimento altíssimo. Na China 5% menos são milhões de pessoas desempregadas. Entre os meses de dezembro, janeiro e fevereiro de 2008 para 2009, lá se demitiu, em dois meses e meio, três meses, vinte e seis milhões de ex-operários, ex-trabalhadores rurais que estavam trabalhando na cidade, vinte e seis milhões numa cidade. Então veja, essas lutas sociais têm força. E essas lutas sociais mostram um caráter tenso do mundo. Em síntese: há uma nova morfologia do trabalho. Essa nova morfologia do trabalho gera uma nova morfologia dos organismos de representação do trabalho e uma nova morfologia das lutas sociais. É necessário compreender essas lutas, as potencialidades que elas têm. Quando os índios da América Latina e dos Andes lutam contra a privatização da água. É uma luta nossa ou não? Quando os índios dos Andes lutam contra a Vale do Rio Doce que vai desertificar os solos da Amazônia e da Amazônia hispânica, da América hispânica ou Amazônia – e não somente da Amazônia mais outros solos. Por exemplo, no Chile e do norte da Argentina, quando elas vão desertificar e as populações dizem que não aceitam o destrocamento do

solo para tirar minério, para acabar com aqueles buracos. É uma luta nossa ou não? A esquerda não pode mais pensar somente que a nossa luta é a greve. E agora tem muitos dizendo, a greve acabou. Besteira. Basta olhar. O Brasil tem altas taxas de greve ainda hoje. É que muitas delas são por salários, por conquistas econômicas, como no mundo hoje a Europa tem greve uma atrás da outra. Nós temos que entender essa nova morfologia do trabalho e perceber que elas são a temperatura de lutas sociais. Último ponto: há quinze anos atrás se eu dissesse que o socialismo é uma alternativa, o pessoal dizia: ih, esse cara é antigo. Pois hoje a América Latina ou a Bolívia fala em socialismo. E quando a Venezuela fala em socialismo, países asiáticos? É evidente que não será o socialismo do século XX. O socialismo de tipo soviético, esse é parte do passado. O que é um sistema de novo tipo, porque a questão do trabalho, a questão ambiental, a questão da propriedade a questão da propriedade intelectual, a questão dos transgênicos, essas são as questões vitais. Eu tenho dito, nos meus trabalhos mais recentes, que a esquerda e as lutas sociais ou são capazes de descortinar as questões vitais ou não são. Então, você me perguntava do sindicato como exemplo, para finalizar. O sindicato fordista e taylorista era um

sindicato vertical, de uma empresa vertical. A empresa modelo do século XX se horizontalizou, ela se terceirizou, se externalizou, de tal modo que a Benetton, ou qualquer empresa hoje, a Nike, estão esparamadas. Qual a capacidade que os sindicatos terão desse horizontalizar, de compreender essa nova classe trabalhadora e de aceitar os desafios, de perceber quais são as questões vitais? Eu nunca disse nos meus estudos que o sindicato iria desaparecer. Mas, eles podem ser como a CUT é hoje, uma central sindical burocrática e estatal ou como a Força Sindical que, aqui, não vamos perder tempo com ela.

Motrivivência: Como você avalia a relevância do tema “mundo do trabalho” para os intelectuais que atuam na Educação Física, Esportes e Lazer, quer seja nas universidades, quer seja nas escolas, academias, clubes, empresas etc.?

Ricardo Antunes: Eu diria o seguinte: de algum modo, essas questões que nós tratamos aqui estão visceralmente presentes em todas as manifestações de vida, de produção e de reprodução no ser social. Então, o que deveríamos fazer, por exemplo, em primeiro lugar é perguntar “que Educação Física nós queremos”? A do corpo sarado, do jovem que hoje está se qualificando para amanhã eliminar um concorrente

no seu trabalho ou nós queremos uma Educação Física onde a dimensão corpórea seja um traço da sua dimensão humano societal. Qual? Nós queremos um profissional de Educação Física que seja, digamos assim, alguém fundado numa razão instrumental, para prestar trabalho nas academias de musculação das classes médias e classes abastadas desvaídas do culto da beleza estético-formal do corpo, ou nós queremos uma Educação Física que perceba que a dimensão do corpo é parte fundamental do ser social. O ser social é corpo e espírito, espírito no sentido materialista do termo, por suposto. Eu estou falando aqui sempre a um modo Saramago. A alma é aquilo que nós temos e que comanda nosso corpo e é nesse sentido que eu estou usando, como Marx falava, da dimensão também espiritual do ser. A sua dimensão, não é, digamos assim, irracional, afetiva. Então eu diria que a problemática que fere e como uma fenda que rescinde o mundo do trabalho, cinde a Educação Física.

Motrivivência: É isso mesmo! Cinde a Educação Física! Isso é importante ressaltar, porque na Educação Física há, por parte dos capitalistas de plantão do sistema CONFEF/CREF, um fetiche ao “Deus mercado”. Neste sentido há, de um lado, o privilégio do bacharelado como

um mercado promissor e intocável, no qual os futuros professores de Educação Física poderão trabalhar nas empresas (ginástica laboral), nas academias, clubes etc. De outro lado, para aqueles oriundos da licenciatura, resta-lhes os salários de miséria da redes municipal e estadual, destinados aos efetivos e aos precarizados (ACT’s). No fundo, tanto bacharelado, quanto licenciatura estão no mesmo barco da exploração. Sendo assim, perguntamos: Como você analisa esta particularidade da área?

Ricardo Antunes: *Este exemplo é uma versão triste do nível de subordinação de um projeto de educação a algo que eu chamava anteriormente de razão instrumental. Essa disjuntiva entre bacharelado e licenciatura nesses termos é inaceitável. Por que o mercado tem que ter prevalência em relação à educação e a escola? O Gramsci tem uma passagem de um de seus estudos de juventude que ele diz: a escola não pode ser uma pequena incubadora de demônios, unilateralmente formados para um mercado destrutivo eu acrescentaria. Não pode! Na minha opinião, um projeto de Educação Física só pode ser concebido na dimensão e integralidade do indivíduo; afinal ele tem um papel decisivo enquanto um ser tornado humano-societal. Eu acho muito importante a resistência*

das escolas de Educação Física das universidades que não aceitam essa subjugação à razão instrumental do “educador físico”, formado para atuar nas olimpíadas, nas empresas, enfim no mercado. Porque a velha olimpíada, a das origens, dos gregos até aonde eu consigo acompanhar não tinham um mercado, não tinha Nike, não tinha Olimpikus, quer dizer, o esporte lá na sua concepção original era um momento catártico; envolvia uma disputa que não era fator de vida e de morte, nem de dinheiro! Era uma disputa, digamos assim, como um momento no verdadeiro exercício de um tempo livre e não de um tempo que hoje não é livre, porque ele é totalmente voltado mesmo para um tempo de não-trabalho, que é um tempo subordinado a uma lógica que é o consumo. Então, é evidente que, como tantas outras profissões, eu penso, sem ter muitos elementos para analisar, que não posso concordar que o privilegiamento seja da educação instrumental e que seja secundarizada a educação essencial. Não posso aceitar isso, nem nas ciências sociais, nem nas ciências médicas, nem nas ciências biológicas e muito menos na Educação Física, nas escolas de Educação em geral. Por isso a idéia do Gramsci: nós não somos celeiros, incubadoras, ele usa essa expressão, de monstros uniliteralmente for-

gados. A nossa educação tem que ser omnilateral, multilateral. E aí o sentido humano-societal decisivo é definido pelo mercado ou fora dele? É uma questão elementar. Vital, decisiva e elementar. O mercado é profundamente destrutivo porque ele é excludente. Porque a maioria esmagadora da população não tem recursos para viver um vigésimo das vantagens do mercado. Vive do seu fetiche que faz com que, em última instância, porque os pobres na sua criminalidade, jovens dos nossos morros de Santa Catarina e de Florianópolis, do Rio, de São Paulo – São Paulo não são os morros, não é uma cidade com muitas montanhas, são as nossas favelas. Por que os jovens quando roubam os filhos de classe média, a primeira coisa que eles pegam são os seus tênis? Eles veem o fetiche da Nike, da Olimpikus, do que for na televisão, e só os meninos das classes médias altas, das classes ricas é que tem o tênis. Mas o pobre, por que não pode ter acesso aquilo? Se o pai do pobre já morreu, porque foi executado na favela, se a mãe tem que vender o seu corpo fora para sobreviver e não pode educar, como que um filho de uma família pobre, destroçada vai poder fazer para ter um tênis iluminado? É esta tragédia que nós temos que entender. Ela nos leva em última instância ao papel crucial da educação. E a Educação Física é

parte desse processo de educação. Quer dizer, aí entra um desafio: qual a capacidade que nós teremos de reinventar? Eu vejo, talvez para indicar de modo otimista, um modo positivo, não otimista, um modo positivo, eu acho que em 2011 nós estamos em condição muito melhor do que estávamos em 1990. Em 1990, o fim do muro de Berlim, era como se tudo tivesse caído. Hoje, o capitalismo é o responsável pelas suas mazelas. E se a gente fosse aqui começar uma entrevista falando de outras mazelas, bom a gente não pararia nunca, porque é evidente, o capitalismo é uma máquina, é um moinho satânico. Para fazer uma referência a essa tese, um moinho satânico produtor, cotidiana e diuturnamente, de destrutividade humano-societal.

Motrivivência: Nós editores da Motrivivência, agradecemos pelas suas contribuições e reflexões. A entrevista aconteceu num clima muito bom, agradável e de muito conhecimento sobre as questões pungentes do mundo do trabalho. Além disso, foi importante tocar no assunto das diretrizes curriculares, colocando em cena a divisão entre bacharelado e licenciatura. Esta entrevista nos dá fôlego para engrossar a massa de intelectuais críticos que lêem essa revista, além dos movimentos na luta contra os

capitalistas do CONFEF-CREF e, é claro, contra a regulamentação da profissão (MNCR). Encerramos nossa entrevista, reconhecendo as suas contribuições no âmbito da sociologia do trabalho, no sentido de trazer para o debate as problemáticas do mundo do trabalho no Brasil e no mundo, que poderão nos ajudar a enxergar a luz no fundo do túnel... Muito Obrigado Ricardo!

Ricardo Antunes: *Eu me somo inteiramente a esse movimento, a luta dos profissionais, trabalhadores, educadores da Educação Física é uma luta humano-societal. É parte de um combate em defesa da humanidade contra as tantas formas de destrutividade que nós só indicamos aqui e, de algum modo, contra a tendência da visão pós-moderna de que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Um pouco dos dilemas da Educação Física são também os dilemas que marcam as nossas outras atividades porque, digamos assim, seus elementos totalizantes transcendem a Educação Física, transcendem a universidade. Tem a ver com os dilemas humano-sociais. Nós estamos no século XXI e somos obrigados a pensar que sociedade queremos. Essa sociedade do século XXI, não vai ser igual a do século XIX, nem a do século XVIII, nem a do século XX. Somos obrigados a pensar que sociedade queremos, que educação*

queremos, que Educação Física queremos, que ciências humanas nós queremos, que trabalho nós queremos. Então, para mim foi um momento também de bastante felicidade. Eu espero continuar esse diálogo que venho tendo, já há muitos anos, com os meus colegas, com os meus companheiros e companheiras da Educação Física. Muito obrigado também!

Contato: rantunes@unicamp.br

N.E.: A entrevista foi transcrita literalmente e revisada pelo Prof. Ricardo Antunes. De comun acordo com a editoria, ele aoptou manter o tom coloquial decorrente da conversa.